



O PINTOR DE ALMAS

ILDEFONSO FALCONES

O PINTOR DE ALMAS

Tradução de
JOSÉ VALA ROBERTO/LUFADA DE LETRAS



Comecei a escrever este livro quando gozava de plena saúde e, devido a uma doença grave, tecliei o ponto final com mil alfinetes cravados nas pontas dos dedos. Quero dedicá-lo a todos os que lutam contra o cancro e também aos que nos ajudam, encorajam, acompanham, sofrem connosco e, por vezes, têm de suportar o nosso desespero. Bem hajam.

PRIMEIRA PARTE

1

Barcelona, Maio de 1901

Os gritos de centenas de mulheres e crianças ecoavam nas vielas da cidade velha. «Greve!» «Fechem as portas!» «Parem as máquinas!» «Baixem as persianas!» O piquete de mulheres, muitas delas com filhos pequenos nos braços ou a tentarem mantê-los seguros pela mão, apesar dos seus esforços para fugirem e juntarem-se aos um pouco mais velhos, não sujeitos a controlo, percorria as ruas da cidade velha, incitando os trabalhadores e os comerciantes, que ainda mantinham abertas as oficinas, fábricas e lojas, a interromperem a actividade de imediato. Os bastões e barrotes que empunhavam convenciam a maioria, embora não fosse rara a quebra dos vidros das montras e uma ou outra rixa.

— São mulheres! — gritou um velho da varanda de um primeiro andar, mesmo por cima da cabeça de um comerciante furioso que fazia frente a algumas delas.

— Anselmo, eu... — O comerciante olhou para cima.

A sua desculpa foi emudecida pelos insultos e vaias proferidos por muitos dos que observavam a cena das varandas daquelas casas velhas e apinhadas, morada de trabalhadores e gente humilde, com as fachadas rachadas, descascadas e com manchas de humidade. O homem cerrou os lábios, abanou a cabeça e fechou a loja, enquanto catraios maltrapilhos e sujos cantavam vitória e troçavam dele. Alguns dos que assistiam à cena sorriam abertamente perante a chacota do grupo de grevistas precoces; o comerciante não era querido no bairro. Confeccionava e vendia alpercatas. Não vendia fiado. Não sorria, e tampouco saudava quem quer que fosse.

A catraiada continuou na chacota até que a polícia, que seguia o piquete de mulheres, se aproximou. Então, desatou a correr em busca da marabunta que continuava a deslocar-se pelas ruelas da Barcelona

medieval, tão sinuosas quanto sombrias, pois a maravilhosa luz primaveril daquele mês de Maio não conseguia penetrar na estreita malha urbana, apenas nos andares mais altos dos edifícios que se erguiam no empedrado. Os vizinhos das varandas calaram-se à passagem dos guardas-civis, alguns a cavalo, com os sabres embainhados, a maioria com o rosto contraído, uma tensão que se sentia nos seus movimentos sincopados. Uns e outros tinham consciência do conflito com que aqueles homens se debatiam: a sua obrigação era impedir os piquetes ilegais, mas não estavam dispostos a carregar contra as mulheres e crianças.

A história da revolução operária em Barcelona estava ligada às mulheres e aos seus filhos. Eram elas quem, em inúmeras ocasiões, exortavam os seus homens a permanecerem afastados das acções violentas. «Connosco não se atreverão, e somos suficientes para conseguirmos o encerramento», argumentavam. E assim era também naquele mês de Maio de 1901, quando os operários foram para as ruas depois de, no final de Abril, a Companhia de Eléctricos ter despedido os trabalhadores em greve e contratado fura-greves para os substituir.

A greve geral pretendida pelas associações de operários em defesa dos trabalhadores dos eléctricos estava muito longe de se concretizar e, apesar de algumas acções violentas, a Guarda Civil parecia ter a situação controlada na cidade.

De repente, um clamor surgiu nas bocas das centenas de mulheres porque se propagou entre elas a notícia de que um eléctrico estava a circular pelas Ramblas. Ouviram-se insultos e gritos de ameaça: «Fura-greves!», «Filhos da puta!», «Vamos a eles!»

As grevistas acorreram com o passo apressado, algumas quase a correr, à Rua da Portaferriça para chegarem à Rambla das Flores, acima do mercado da Boqueria, uma lota que, ao contrário de todas as outras em Barcelona, como a de Sant Antoni, a do Born ou a da Concepció, não é fruto de um projecto concreto mas da ocupação, por parte dos vendedores, da Praça de Sant Josep, um magnífico espaço porticado; por fim, venceram os mercadores e a praça cobriu-se com toldos e telhados provisórios, tendo os pórticos dos edifícios, que a rodeavam, sido transformados nas paredes do novo mercado. As tradicionais *paradas* de venda de flores, estruturas de ferro semelhantes a quiosques colocadas frente a frente ao longo

do passeio, estavam fechadas, embora as floristas, muitas delas com as mãos nas ancas, desafiantes, permanecessem junto aos respectivos estabelecimentos, dispostas a defendê-los. Em Barcelona só se vendiam flores naquela zona das Ramblas. No mercado da Boqueria, um número infundável de carroças de transporte, com os seus toldos e cavalos, esperavam estacionadas em fila, lado a lado, a escassos passos dos carris do eléctrico. Os animais reagiram nervosamente à gritaria e à avalanche das mulheres. Poucas prestaram atenção ao alvoroço de cavalos empinados, carregadores e comerciantes a correrem de um lado para o outro. O eléctrico que cobria a linha de Barcelona para Gràcia, que começava na Rambla de Santa Mònica, junto ao porto, aproximava-se.

Dalmau Sala tinha seguido o piquete durante o seu itinerário pela cidade velha, juntamente com muitos outros homens, em silêncio, atrás da Guarda Civil. Agora, numa zona ampla como era a das Ramblas, tinha uma visão mais completa. O caos era absoluto. Cavalos, carroças e comerciantes. Cidadãos a correrem, curiosos; polícias em formatura perante o grupo de mulheres com os filhos que se colocaram diante deles, a formar uma barreira humana que pretendia separar todas as outras que se tinham apinhado em cima dos carris do eléctrico para deter a máquina.

Um calafrio percorreu Dalmau de cima a baixo quando viu que algumas mulheres erguiam os filhos e exibiam-nos perante os guardas-civis. Outros catraios, um pouco mais crescidos, permaneciam agarrados às saias das mães, assustados, com os olhos muito abertos, esquadrinhando o espaço em busca de respostas que não encontravam, enquanto os adolescentes, ensoberbecidos pelo ambiente, chegavam a desafiar os polícias.

Não havia muitos anos, quatro ou cinco, Dalmau cometeu o mesmo desplante perante a polícia; a mãe atrás dele, a gritar, exigindo justiça ou melhorias sociais, encorajando-o à luta, como fazia a maioria das mães que interpunham os filhos em defesa de causas que consideravam superiores, inclusivamente a sua própria integridade física.

Por instantes, os gritos das mulheres provocaram em Dalmau uma embriaguez semelhante à que viveu quando fez frente à polícia. Na altura, sentiam-se deuses. Lutavam pelos operários! A Guarda Civil ou o exército carregaram sobre eles algumas vezes, mas hoje nada disso iria acontecer, disse Dalmau para si, desviando o olhar para as grevistas que faziam frente

ao eléctrico. Não. Aquele dia não estava destinado a que a força pública atacasse as mulheres; pressentia-o, sabia-o.

Dalmau não tardou a localizá-las. Na primeira fila, à frente de todas, com o olhar desafiante, como se fosse o suficiente para deter o eléctrico da linha de Gràcia que se aproximava. Dalmau sorriu. O que não conseguiriam aqueles olhares? Montserrat e Emma, a sua irmã mais nova e a sua noiva, ambas inseparáveis, unidas pela infelicidade, unidas pela luta operária. O eléctrico aproximava-se fazendo soar a campainha; o sol que se infiltrava por entre o arvoredo das Ramblas arrancava centelhas às rodas e aos restantes elementos metálicos do vagão. Uma ou outra mulher recuou; poucas, muito poucas. Dalmau esticou-se. Não temia por elas; o eléctrico iria parar. Mães e polícias calaram-se, atentos. Muitos curiosos retiveram a respiração. O grupo de mulheres que se encontrava em cima dos carris pareceu crescer sobre si mesmo, firme, tenaz, disposto a ser atropelado.

Parou.

As mulheres explodiram em gritos de vitória, enquanto os poucos passageiros que ousaram utilizar o transporte e viajavam na parte superior do vagão, ao ar livre, sentados ao sol, desciam aos tropeções para fugirem, depois de o condutor e os revisores, todos fura-greves, terem saltado do eléctrico antes mesmo de este parar.

Dalmau contemplou Emma e Montserrat, as duas com o punho crispado erguido para o céu, sorridentes, a celebrarem, eufóricas, a vitória com as suas companheiras. Ainda não tinha passado um minuto quando aquelas centenas de mulheres se aproximaram do eléctrico. «Vamos!» «Vamos a ele!» A Guarda Civil quis reagir, mas a barreira com as crianças avançou para os agentes. Foram muitas as mãos que se apoiaram na parte lateral do vagão. Outras tantas, as que não alcançavam a máquina, apoiaram-se às costas das grevistas que estavam à frente.

— Empurrem! — gritaram várias ao mesmo tempo.

— Com mais força!

O eléctrico balançou em cima das rodas de ferro.

— Mais! Mais, mais...

Um, dois... O vaivém aumentou ao ritmo do alento que davam umas às outras. Por fim, um rugido que surgiu daquelas centenas de gargantas precedeu a queda do vagão. O estrondo confundiu-se com o ruído dos

estilhaços, o entrecocar dos ferros e uma nuvem de pó que envolveu o eléctrico e as mulheres.

Um brado quebrou o silêncio relativo que se tinha instalado depois de o vagão ter embatido no solo.

— Saúde e revolução!

— Viva a anarquia!

— Greve geral!

— Morte aos frades!

Mais trabalho e melhores salários. Reduzir as jornadas extenuantes. Acabar com o trabalho jovem. Pôr fim ao poder da Igreja. Maior segurança. Casas decentes. Expulsão das ordens religiosas. Saúde. Ensino laico. Alimentos acessíveis... Mil reivindicações troaram na Rambla das Flores, de Barcelona, para serem partilhadas por uma mole de gente humilde, cada vez mais numerosa, que se ia reunindo e aplaudia fervorosamente aquelas mulheres trabalhadoras.

Emma e Montserrat, transpiradas, com o rosto sujo e enegrecido devido ao pó que se levantou com a queda do vagão, saltavam excitadas, instigavam as companheiras e erguiam os braços empoeiradas no eléctrico.

Dalmau sentiu os pêlos do corpo a eriçarem-se ao ver aquelas duas jovens mulheres. Valentes! Empenhadas! Recordou as vezes em que, juntamente com as mães e as mulheres dos operários, se precipitaram para a rua em defesa de uma causa. Dalmau não chegava a ser dois anos mais velho do que elas e, apesar disso, aquelas duas jovens, como se o facto de serem mulheres a tal as obrigasse, superavam-no em ousadia e gritavam, insultavam e, inclusivamente, desafiavam a Guarda Civil. E agora estavam ali, em cima de um eléctrico que tinham acabado de derrubar com as mãos. Dalmau estremeceu, depois ergueu o punho e, excitado, juntou-se aos gritos e reivindicações da população.

A emoção e o estrondo ainda continuavam a ecoar no íntimo de Dalmau, agitando-o, ensurdecendo-o, enquanto subia o Paseo de Gràcia de Barcelona em direcção à fábrica de cerâmica onde trabalhava, situada em Les Corts, num descampado junto à ribeira de Bargalló. Não chegou a ter oportunidade de falar com as duas jovens pois, assim que conseguiram

o seu objectivo, o nervosismo demonstrado pela Guarda Civil forçou a dissolução do piquete e fez com que as mulheres e os filhos dispersassem em todas as direcções. Talvez Montserrat e Emma fossem reconhecíveis, pensou Dalmau. Com toda a certeza, disse para si, e sorriu ao mesmo tempo que dava um pontapé na folha caída de uma árvore. Quem podia esquecê-las ali de pé, em cima do eléctrico? No entanto, confundiram-se rapidamente com as outras que se encontravam no mercado da Boqueria ou nas Ramblas: mulheres como tantas outras, vestidas com saia comprida até aos artelhos, avental e camisa, de um modo geral com as mangas arregaçadas. As mais velhas costumavam ter a cabeça coberta com um lenço, em geral negro; as outras apanhavam o cabelo num carrapito, sem chapéu. Eram mulheres radicalmente diferentes das que se podiam ver a deambular pelo Paseo de Gràcia, ricas e elegantes.

Todos os dias, quando ia ou vinha por aquela grande artéria da Cidade Condal, Dalmau entretinha-se a contemplar as senhoras que passeavam, orgulhosas, por entre amas vestidas de branco com os seus bebês, cavalos e carruagens. O peito, o ventre e as nádegas; diziam que esses eram os três padrões pelos quais se devia julgar a mulher ideal. A moda feminina tinha evoluído com o modernismo, tal como a arquitectura e as outras artes, e foi substituindo as peças medievais, rígidas, usadas durante a última década do século anterior, por outras que revelavam mulheres vivas, com os corpetes a realçarem as formas naturais dos corpos numa espécie de serpentear maravilhoso: peitos espetados; ventres planos, comprimidos, e atrás as nádegas, empinadas, como se estivessem dispostas a atacar a qualquer momento. Quando tinha tempo, Dalmau sentava-se num dos bancos do Paseo e fazia esboços a lápis daquelas mulheres, embora na sua imaginação costumasse evitar a vestimenta e as desenhasse nuas. Não queria limitar-se àquilo que os corpetes e os vestidos insinuavam. Os pés, as pernas, os tornozelos, sobretudo os tornozelos, finos e magros, com os tendões tensos como cordas; mãos e braços. E os pescoços! Porquê reparar só naqueles três critérios: peito, ventre e nádegas? Gostava do nu feminino, mas infelizmente não tinha oportunidade de trabalhar com modelos despojadas de roupa; o seu mestre, *don* Manuel Bello, proibira-o. Nus masculinos, sim; femininos, não. Se ele não o fazia, contrapunha o mestre, não seria Dalmau a fazê-lo. Era compreensível para quem conhecesse a mulher

de *don* Manuel, zombava Dalmau às escondidas. Burguesa, reaccionária, conservadora, católica recalitrante (até à medula!), virtudes estas que partilhava com o marido, a mulher agarrava-se à moda velha, abandonada há alguns anos, e ainda usava a crinolina, uma espécie de armação que se atava à cintura para que a saia ficasse bojuda atrás.

— Tal qual um caracol! — troçava, quando explicava a Montserrat e a Emma. — Tudo para a frente e uma espécie de carapaça que lhe sai do rabo e que carrega aonde quer que vá. Acreditam que sou incapaz de a imaginar nua?

As duas riram.

— Nunca tiraste a carapaça a um caracol? — perguntou-lhe a irmã. — Pois pões um pouco de cabelo a essa lesma em vez dos cornichos e aí tens a tua burguesa nua, babando-se como todas elas.

— Cala-te! Que nojo! — queixou-se Emma, empurrando Montserrat. — Mas porque tens de imaginar as mulheres nuas? — perguntou a Dalmau. — Não te chega o que tens em casa?

Fez esta última observação a arrastar as palavras, com um tom de voz doce, adúladora. Dalmau puxou-a para si e beijou-a nos lábios.

— Claro que me satisfaz — sussurrou.

Com efeito, à excepção de recorrer a fotografias eróticas, às escondidas, nas quais estudava a nudez feminina que o mestre lhe impedia, Emma era a única que tinha posado nua para ele. Montserrat, conhecedora do facto, também se ofereceu para o fazer.

— Como vou pintar nua a minha própria irmã? — contestou.

— É, algo artístico, não? — insistiu ela, fazendo menção de tirar a camisa, o que Dalmau impediu agarrando-lhe a mão. — Adoro os desenhos que fizeste da Emma! Está tão... sensual! Tão mulher! Parece uma deusa! Ninguém diria que é cozinheira. Gostava de ver-me assim e não como uma vulgar operária de uma fábrica de estampagem de tecidos de algodão.

Ao ver que a irmã puxava para baixo a saia floreada que vestia como se quisesse livrar-se desta, Dalmau fechou os olhos por instantes.

— Eu também gostava que me desenhasses assim — opinou Montserrat.

— E a mãe iria gostar? — interrompeu ele.

Montserrat contorceu o lábio superior e abanou a cabeça, resignada.